

# LEITURAS AFINS

- Arte e Utopia — *Teixeira Coelho*
- Lasar Segall e o Modernismo Paulista — *Vera d'Horta Beccari*
- Música da Modernidade — *J. Jota de Moraes*
- Obras Escolhidas vols. I e II — *Walter Benjamin*
- Signagem da Televisão — *Décio Pignatari*
- Cenários em Ruínas — *Nelson Brissac Peixoto*

## Coleção Primeiros Passos

- O que é Arte — *Jorge Coli*
- O que é Cinema — *Jean-Claude Bernardet*
- O que é Contracultura — *Carlos A. M. Pereira*
- O que é Cultura — *José Luiz dos Santos*

Jair Ferreira dos Santos

# O QUE É PÓS-MODERNO

1ª edição 1986

5ª edição

**editora brasiliense**  
**1988**

morte da arte. É uma.

Mas outros sentem no pós-modernismo uma praga boa e saudável. Abala preconceitos, põe abaixo o muro entre arte culta e de massa, rompe as barreiras entre os gêneros, traz de volta o passado (os modernos só queriam o novo). Democratizando a produção, ele diz: que venham a diferença, a dispersão. A desordem é fértil. Pluralista, ele propõe a convivência de todos os estilos, de todas as épocas, sem hierarquias, num vale-tudo que acredita no seguinte: sendo o mercado um cardápio variado, e não havendo mais regras absolutas, cada um escolhe o prato que mais lhe agrada. Morte ou renovação, também na arte o pós-modernismo flutua no indecível.

## ADEUS ÀS ILUSÕES

### O fliperama do nada

O pós-modernismo desembarcou na filosofia em fins dos anos 60 com uma mensagem demolidora na mochila: *a Desconstrução do discurso filosófico ocidental*, da maneira como o Ocidente pensa (e age). Discurso é fala, é o dito. Do grego Platão, no século 4 a.C., até o francês Sartre em nossos dias, os filósofos ocidentais disseram as coisas de determinado modo, com certas atitudes e pressupostos inconscientes. *Desconstruir* o discurso não é destruí-lo, nem mostrar como foi construído, mas pôr a nu o não-dito por trás do que foi dito, buscar o silenciado (reprimido) sob o que foi falado. Com os pensadores pós-modernos, a filosofia e a própria cultura ocidental caíram sob um fogo cerrado.

Rose, lá na fabulazinha, escrevia uma tese: *Em Cena, a Decadência*. O pós-modernismo está associado à decadência das grandes idéias, valores e instituições ocidentais — Deus, Ser, Razão, Sentido, Verdade, Totalidade, Ciência, Sujeito, Consciência, Produção, Estado, Revolução, Família. Pela desconstrução, a filosofia atual é uma reflexão sobre ou uma aceleração dessa queda no niilismo. *Niilismo* — da palavra latina nihil = *nada* — quer dizer desejo de nada, morte em vida, falta de valores para agir, descrença em um sentido para a existência. A desconstrução pretende revelar o que está por trás desses ideais maiúsculos, agora abalados, da cultura ocidental.

Desde a Grécia antiga, as filosofias são discursos globais, totalizantes, que procuram os primeiros princípios e os fins últimos para explicar ordenadamente o Universo, a Natureza, o Homem. A pós-modernidade entrou nessa: ela é a valsa do adeus ou o declínio das grandes filosofias explicativas, dos grandes textos esperançosos como o cristianismo (e sua fé na salvação), o Iluminismo (com sua crença na tecnociência e no progresso), o marxismo (com sua aposta numa sociedade comunista). Hoje, os discursos globais e totalizantes quase não atraem ninguém. Dá-se um adeus às ilusões.

Mas como é possível o niilismo irracional — a decadência — brotar nas sociedades pós-industriais dominadas pela tecnociência, pela programação,

que são a própria racionalidade na produção, no trabalho, na burocracia e até no cotidiano? Basta olhar para o mundo atual.

O choque entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais já se esboçava no mundo moderno, o industrial. Na atualidade pós-moderna, ele ficou agudo, bandeiríssimo, porque a tecnociência invade o cotidiano com mil artefatos e serviços, mas não oferece nenhum valor moral além do hedonismo consumista. Ao mesmo tempo, tais sociedades fabricaram fantasmas alarmantes como a ameaça nuclear, o desastre ecológico, o terrorismo, a crise econômica, a corrupção política, os gastos militares, a neurose urbana, a insegurança psicológica. Elas têm meios racionais, mas só perseguem fins irracionais: lucro e poder.

Ora, o barato de alguns (não todos) filósofos pós-modernos é que eles não querem restaurar os valores antigos, mas desejam revelar sua falsidade e sua responsabilidade nos problemas atuais. Para isso, eles lutam em duas frentes:

1) Desconstrução dos princípios e concepções do pensamento ocidental — Razão, Sujeito, Ordem, Estado, Sociedade etc. — promovendo a crítica da tecnociência e seu casamento com o poder político e econômico nas sociedades avançadas, que resultou no tão amaldiçoado Sistema.

2) Desenvolvimento e valorização de temas antes considerados menores ou marginais em filosofia:

desejo, loucura, sexualidade, linguagem, poesia, sociedades primitivas, jogo, cotidiano — elementos que abrem novas perspectivas para a liberação individual e aceleram a decadência dos valores ocidentais.

Para essa guerra, filósofos pós-modernos, tais como Jacques Derrida, Gilles Deleuze, François Lyotard, Jean Baudrillard, foram buscar armas em vários arsenais. Num pensador maldito — Nietzsche — o primeiro a desconstruir os valores ocidentais; na Semiologia, pois atacam as sociedades pós-industriais baseadas na informação, isto é, no signo; e no ecletismo Marx com Freud, fundindo aspectos pouco conhecidos de suas obras. Esse pim-pam-pum de idéias no fliperama digital do nada é interessante.

### Viver não é sobreviver ou o profeta de Walk-man

Nietzsche entrou em moda nos anos 70 e continua no hit-parade. Pós-moderno já no fim do século XIX, ele foi fundo com o dedo na ferida atual: o niilismo, a desvalorização dos valores supremos, o desencanto com a vida. Por isso, Nietzsche agride a Razão, o Estado, a Ciência, a Organização social moderna por domesticarem o homem, anulando seu instinto e criatividade. Três conceitos e valores

ocidentais vão ser desmascarados por sua crítica desconstrutiva: Fim, Unidade, Verdade.

Para Nietzsche a própria criação de valores supremos significou niilismo, decadência, pois trocou-se a vida carnal, instintiva, concreta, por modelos ideais inatingíveis (O Belo, O Bom, O Justo). Mas vendo-se abandonado no universo, o homem ocidental *projetou valores supremos* que lhe acalmassem a angústia, lhe justificassem a existência. Fim (para garantir um sentido, um happy-end),\* Unidade (para assegurar que o universo é um todo conheável pela ciência); e Verdade (para guiar-se pelo ser, pela real natureza das coisas).

Uma vez projetados, a História ocidental se encarregou de *desvalorizar os valores supremos*, substituindo-os pela banalidade cotidiana, o conformismo, o pessimismo, a passividade, a falta de força moral. Quem se preocupa hoje com a verdade? Quem busca hoje a salvação eterna? Por que multidões viraram carneiros indo para o trabalho, o exército, o estádio?

Finalmente, acha Nietzsche que o niilismo será a fonte para uma *transvaloração de todos os valores*. Novos valores virão, em bases mais sólidas. A superação do niilismo será um rejuvenescimento cultural, culminando com a chegada do Super-homem e sua aposta na vida instintiva, na intensificação dos sentidos, do prazer. Não uma vida com ideais no Céu ou no Olimpo, mas aquela que flui

para todos os lados, sem rotinas, enraizada no presente e aberta ao devir, ao futuro.

Fim, Unidade e Verdade e sua valorização, desvalorização e transvalorização. Com isso, Nietzsche está abalando três pilares da cultura ocidental: cristianismo (Fim), o conhecimento científico (Unidade) e a Razão filosófica e moral (Verdade). A pós-modernidade é o momento em que tais valores, ainda atentos e fortes durante a modernidade industrial, entram em decadência acelerada. Se isso vai dar ou não na transvalorização, no Super-homem, é outro papo.

Mas voltando a Nietzsche, ao propor que uma outra vida, lá no Céu, seria o Fim do homem, o cristianismo negou a vida aqui na Terra e com ela negou o corpo, o prazer, a alegria, o presente. Além disso, um Deus punitivo plantou no coração do homem a culpa — sua flor mais nefasta.

A suposta Unidade do cosmos levou a ciência a opor o Homem (o conhecedor) à Natureza (o conhecido). Ao mesmo tempo, fragmentou a Natureza em campos de conhecimento (Física, Química, Biologia) e decretou, pela Matemática, a quantificação do mundo natural e social para tornar as coisas previsíveis, isto é, programáveis, matando assim a eterna novidade do futuro, o movimento sempre incerto com que jorra a vida.

Escravidando-se à Verdade, enfim, o homem ocidental quis governar sua existência só pela Razão, que supostamente mergulha no ser das

coisas, traça uma moral racional, quando na realidade a vida é também instinto e emoção, força e imaginação, prazer e desordem, paixão e tragédia. (Abra os jornais: todo dia tem gente matando ou glorificando-se por alguns desses impulsos, quase nunca pela Verdade ou pela Razão.)

Para superar o niilismo — que está pondo abaixo os valores supremos, alimenta o pessimismo e a fraqueza — a transvalorização de todos os valores perseguida por Nietzsche ergueria uma cultura voltada para o prazer na alegria, o corpo integrado à imaginação poética, à arte, em suma. Nem a religião, nem a ciência, nem a filosofia, mas a arte, com sua embriaguez dos sentidos, enraizada no presente mas aberta ao futuro, a arte seria o fio condutor para um novo estilo de vida.

Nesse estilo, quanto aos Fins: nada de Deus nem de Estado, mas cada um vivendo sem sobreviver, realizando o melhor de si como *obra de arte* aqui e agora. Quanto à Unidade: nada de conhecimento científico, de programação, pois o cosmos, como a vida, é um jogo indefinido, aberto, sem direção e o *pluralismo*, isto é, a diversidade das formas, dos caminhos é a sua lei. Quanto à Verdade, nada de conceitos universais e eternos, mas a sabedoria do corpo, o valor do erro e da ilusão, a afirmação segundo a *perspectiva* de cada um, o sujeito deixando-se rolar pelo tempo guiado pelo pragmatismo dos instintos, num ego a flutuar

de experiência em experiência, sem se preocupar com uma identidade fixa.

Tanta lucidez e desejo de liberação levaram Nietzsche a morrer louco em 1900. Esse profeta, que pensava durante longas caminhadas, usaria hoje um walk-man sem som para melhor enxergar na confusão da nossa época.

## Abaixo o Ocidente

Na trilha aberta por Nietzsche, o filósofo Jacques Derrida, que inventou a palavra *desconstrução*, atacou a besta chamada *Logocentrismo ocidental*. O Ocidente, segundo ele, só sabe pensar pelo Logos, que em grego significa palavra, razão, espírito.

Paremos aqui e voltemos a fita um pouco. Derrida é pós-moderno porque pós-estruturalista. O estruturalismo nas ciências humanas é a corrente que, nos últimos 30 anos, recebeu grande impulso na Linguística e na Semiologia. Ele analisa os fenômenos sociais e humanos como se fossem textos, discursos. A moda, o casamento, o sonho podem ser "lidos" como se fossem "frases" de uma língua, signos com um significante e um significado (no sonho as imagens são significantes cujo significado o analista descobre). Pois bem, na Antropologia, na Psicanálise, na Sociologia, o estrutu-

ralismo explicou cientificamente muita coisa no homem que antes era privilégio da Filosofia comentar. Assim, a Filosofia ficou meio desempregada, meio boca inútil. Após o estruturalismo, só lhe restou voltar-se sobre si mesma, pensar a sua própria história, investigar o seu próprio discurso.

É aí que entra Derrida com a desconstrução do Logocentrismo. No centro da cultura e da filosofia ocidentais está o Logos, isto é, o espírito racional que fala, discursa. E como? O Logos é a razão e a palavra falada, no sujeito humano, transformando as coisas em conceitos universais. O conceito *cadeira*, por exemplo, expresso pela palavra "cadeira", produz um modelo universal para esse objeto, apagando as diferenças entre as cadeiras reais (de pau, de ferro, de palha). O conceito torna idênticas todas as cadeiras porque elimina as diferenças entre elas. O Logocentrismo acaba com as diferenças entre as coisas reais ao reduzi-las à identidade no conceito.

Mas isso não ficou apenas nas modestas cadeiras. É um jeito ocidental de pensar e agir. Os jesuítas convertiam as diferentes tribos brasileiras a uma idêntica religião: o cristianismo. Os brancos europeus submeteram vários povos, de diferentes raças, a uma idêntica economia: o capitalismo. A linha de montagem impôs a diferentes personalidades gestos idênticos. O ocidente sempre se deu mal com as diferenças: a do índio, do negro, do louco, do homossexual, da criança, da poesia

(expulsa da República por Platão).

Ora, embutida no Logos, Derrida descobre uma cadeia desses grandes conceitos universais que atravessa toda a cultura ocidental. Logos é Espírito, que dá em Razão, que faz Ciência, que promove a Consciência, que impõe a Lei, que estabelece a Ordem, que organiza a Produção. No entanto, a cadeia das maiúsculas só se promoveu reprimindo e silenciando como inferiores os termos de uma outra cadeia: corpo/ emoção/ poesia/ inconsciente/ desejo/ acaso/ invenção. Além de matar as diferenças em identidades, o Logos comete uma segunda violência: hierarquiza esses elementos, valoriza, torna uns superiores aos outros. Os primeiros — maiúsculos, superiores — reduzem o mundo a identidades, são sólidos, centrais, racionais, duradouros, programáveis. Os outros — minúsculos, inferiores — pulverizam o mundo em diferenças, são fugidios, sem centro, irracionais, breves, imprevisíveis.

Em guerra com a tradição ocidental, ao desconstruir seu discurso para trazer à tona o reprimido, Derrida e outros filósofos pós-modernos querem injetar vida nova nas diferenças contra a identidade, na desordem contra a hierarquia, na poesia contra a lógica. Eles pensam contra as manias mentais ocidentais, um pensar sem centro e sem fim, mais para literatura que para filosofia. Vinculado a pequenas causas, é um meditar minoritário tendo como objeto o corpo, a prostituição,

a loucura, o cotidiano, contra o Espírito, a Família, a Normalidade e a Grande Revolução Final.

## Marx & Freud Ilimitada

Eclético por excelência, o pensamento pós-moderno andou cruzando, em várias posições, Marx com Freud, marxismo e psicanálise, para dismantelar algumas ficções ocidentais. Em 1972, o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Felix Guattari bagunçaram as idéias contemporâneas com um petardo chamado *O Anti-Édipo*. O livro metia a noção marxista de produção nos porões do inconsciente freudiano. Este deixava de ser o cenário das imagens e emoções recalçadas para virar máquina desejante, energia produtora de desejos. A idéia de máquina desejante era filha do cruzamento da sociedade capitalista (Marx/ máquina) com o inconsciente individual (Freud/ desejo). Sociedade e indivíduo eram uma coisa só: máquinas desejantes.

Só que, entoava o *Anti-Édipo*, essas máquinas estavam com suas energias domesticadas, dirigidas para outros fins que não a liberdade e o prazer. No indivíduo: para ser sujeito, ter uma identidade, todo mundo passa pelo complexo de Édipo (o desejo de matar o pai e trepar com a mãe). Se a criança supera essa fase, entre os 3 e 4 anos, a educação terá sucesso em programar sua identi-